

TRAJETÓRIA JORNALÍSTICA DE CLARICE LISPECTOR NOS JORNAIS: CORREIO DA MANHÃ E DIÁRIO DA NOITE

Letícia Oliveira dos Santos (IC) e Mirtes de Moraes (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo estudar a carreira jornalística da autora Clarice Lispector, com enfoque nos jornais- o *Correio da Manhã* e *Diário da Noite*- em que ela trabalhou no período de 1959 e 1961. A questão principal é a diferença de ideias que a escritora apresenta nos dois veículos em curto espaço de tempo. No primeiro jornal, ela apresentava uma postura mais conservadora em relação as mulheres, em que defendia a mulher dona de casa, criticando os cuidados com a beleza, considerados fúteis, valorizando a boa educação e a moralidade. Neste jornal a autora utilizava o pseudônimo de Helen Palmer. No *Diário da Noite* outro tema é abordado e defendido sobre as mulheres. Clarice apoiava a busca pela valorização da beleza física e técnicas de sedução, se vestindo do pseudônimo de Ilka Soares, uma famosa atriz da época. Essa mudança se dá pela característica da própria autora de permitir-se ser quem ela quisesse ser a qualquer momento, como ela própria mencionava possuir diversas personalidades dentro de si, tornando o processo de análise dos seus escritos, algo complexo e profundo, por ser um sujeito de pesquisa tão multifacetado. Para a pesquisa utilizamos como método a revisão de bibliografia sobre a carreira e vida de Clarice Lispector, estudos sobre os Anos Dourados e imprensa feminina.

Palavras-chave: Clarice Lispector, Correio da Manhã, Diário da Noite

ABSTRACT

This research paper aims to study the journalistic career from the author Clarice Lispector, focusing in the newspapers- *Correio da Manhã and Diário da Noite*- that she worked from 1959 to 1961. The main question is the difference of ideias that the writer presents in these two vehicles in a short period of time. In the first newspaper, she had a conservative posture about women, in which she defended the housewife woman, criticizing the beauty cares, considered futile, valuing a good education and morality. In this newspaper she used the Helen Palmer's pseudonym. In the *Diário da Noite*, another topic is approached and defended about women. Clarice supported the seeking for the appreciation of the physical beauty and seduction techniques, dressing up the pseudonym, Ilka Soares, a famous actress from that time. This shift is due to the own author characteristic of allowing herself to be who she wanted to be in any moment, like she mentioned herself to have many personalities inside

her being, making the process of analysis of her writing, something complex and profound, for being a research subject so multifaceted. To this research, we used as method the literature review about Clarice Lispector's life and career, studies of the 50's and women's press.

Keywords: Clarice Lispector, Correio da Manhã, Diário da Noite

1. INTRODUÇÃO

Como aluna do curso de Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie e admiradora da obra das autoras Clarice Lispector e Cecília Meireles, fui motivada a pesquisar sobre a trajetória jornalística destas. No decorrer do curso de jornalismo, comecei a refletir sobre a importância da mulher nessa área de atuação. Como sempre tive uma admiração pelas escritoras Cecília Meireles e Clarice Lispector, e ao saber que ambas tiveram uma passagem, ainda que pouco reconhecidas, pela carreira jornalística, decidi aprofundar meus estudos acerca da contribuição dessas autoras nessa área. No entanto, ao começar minha pesquisa, percebi que por se tratar do meu primeiro trabalho acadêmico, seria melhor escolher uma das escritoras mencionadas para tornar o tema do presente trabalho mais específico. Também, durante a pesquisa bibliográfica sobre Clarice Lispector, foi encontrado um ponto intrigante sobre seus textos, o qual exigiria maior aprofundamento e pesquisa, despertando em mim, portanto, um interesse maior.¹

Este trabalho tem por objetivo pesquisar a trajetória jornalística da autora Clarice Lispector, muito conhecida por sua obra literária peculiar, no entanto a sua ocupação mais proeminente foi a de jornalista, sendo essa informação pouco divulgada.

O ímpeto Clarice, o furacão Clarice, conta, já se fazia. Talvez, por isso, por ser recebida como fenômeno literário, e por sua produção no campo de ficção sempre causar estranheza, pois os críticos tinham dificuldades em classificar o gênero daquilo que ela escrevia, a jornalista Clarice foi ficando subjacente aos interesses dos intelectuais e do público. (NUNES, 2012, p. 15)

Para entender a autora, foi necessário articular sua vida com suas publicações, dando enfoque no *Correio da Manhã* e *Diário da Noite*. A escolha destes dois veículos deu-se pelo fato de Clarice ter trabalhado neles no mesmo ano, porém em seus textos apresenta opiniões dispares em relação ao que considera ser mulher.

A questão que norteia esse trabalho, é a busca pela compreensão do porquê da dissonância de posições adotadas por Clarice Lispector em suas colunas jornalísticas nos dois veículos acima citados, com uma tentativa de entender as mil faces vestidas pela autora, os quais ela escrevia por meio de pseudônimos. O que levou Clarice a assumir posições tão diferentes e contrárias nesses jornais? Por que em tão pouco tempo Clarice mudou sua forma e opinião em suas colunas?

¹ Existem diversos estudos sobre a vida e carreira jornalística da autora Clarice Lispector, diferente de Cecília Meireles, por isso a princípio não se imaginava que seus estudos fossem tão extensos e que para esta pesquisa exigiam mais aprofundamento.

O método adotado para essa pesquisa consiste em um levantamento de material bibliográfico e por meio deles uma análise da biografia de Clarice Lispector, relatos sobre seu trabalho como jornalista, textos de colunas do *Correio da Manhã* e *Diário da Noite*, publicações sobre a história das mulheres no Brasil nos anos 50 e a imprensa feminina.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

Clarice Lispector

Ao se falar de Clarice Lispector lembramos primeiramente de sua renomada carreira literária e seus famosos contos que acompanham os estudos de sua trajetória. Entretanto, existem poucas pesquisas e estudos acerca de sua carreira jornalística e quando essa ocupação teve importância em sua vida.

Em 10 de Dezembro de 1920 nasce Haia por nome de batismo, em Tchetchelnik na Ucrânia, por conta da proximidade fonética com o nome Clara, desta variação surgiu Clarice. Chega ao Brasil em 1922 com a família, devido à guerra que ocorreu na Ucrânia após a 1ª Grande Guerra e as Revoluções Russa em 1917, foi um período em que muitas famílias saem em busca de exílio em diversos países.

Clarice, ainda um bebê de 15 meses, chega ao Brasil com sua família, sendo assim, o português, sua língua materna, e o russo tornando-se sua segunda língua, por conta dos pais. Algo que poucos sabem, é que o sotaque aparente em sua fala não era sotaque russo como alguns diziam, mas era por conta de sua língua presa. (GOTLIB, 2011, p. 49)

Cresce em Recife com sua família, onde estudou e viveu parte sua infância até mudar-se para o Rio de Janeiro. Ainda no ginásio Clarice dava aulas de português e matemática particular. Gotlib, conta que lecionar sempre foi algo prazeroso para Clarice, com relato de sua irmã Tania Kaufmann, que diz que desde pequena a irmã gostava de dar aulas, ensinar e para isso, colocava os azulejos arrumados como se fossem alunos. A relação de troca entre aprender e ensinar será mais tarde um dos temas preferidos de textos da autora.

Entra para Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. A sua resposta ao porquê escolhera advocacia, estava no fato de que era muito reivindicadora de direitos quando pequena, e todos diziam que ela seguiria essa profissão, então isso lhe ficou na cabeça (GOTLIB, 2011, p162). Mesmo concluindo o curso percebeu que não era essa carreira que gostaria de seguir. Entretanto foi na faculdade que escreveu para a revista *A*

Época o artigo com o seguinte título: “Observações sobre o fundamento do direito de punir.”.² O artigo recebeu críticas vindas de um colega que afirmou ser “sentimental”, porém Clarice rejeita essa crítica. Entretanto, a questão importante do artigo não é sobre a necessidade da punição, mas uma reflexão de que como uma sociedade enferma não é capaz de punir. É justamente sobre essa sociedade que os escritos de Clarice irão se construir. (GOTLIB, 2011, p. 167)

Um triste fato aconteceu em sua vida em 1940, seu pai morre, o que leva Clarice a uma fase de muita tristeza, pois ele era seu grande companheiro que a ensinou diversas lições. (GOTLIB, 2011, p. 167)

Muito antes do início de sua carreira como escritora e sucesso de seus contos no período de 1943, acredita-se que Clarice já seguia sua carreira como jornalista, pois até então a única fonte que se possuía era Renard Perez -escritor de uma de suas biografias-, porém esses documentos não constavam sua trajetória nas redações de jornais.

A imprecisão de certos dados bibliográficos nos textos canônicos sobre a autora de *A paixão segundo G.H.*, bem como daqueles provenientes das várias entrevistas que concedeu, não permitiu localizar com exatidão os textos de Clarice no periodismo brasileiro, tampouco a vida de jornalista que teve, prevalecendo deste modo as informações registradas por Perez. (NUNES, 2012, p. 13)

Inicia seus trabalhos na Agência Nacional e no jornal *A Noite*, onde trabalhou registrada pela primeira vez, logo em seguida recebe seu registro de Jornalista. (NUNES, 2012, p. 14)

Imprensa Feminina

A partir do século XIX, iniciou-se a chamada imprensa periódica no Brasil, com ela o surgimento da imprensa feminina, em meados de 1820, com *O Espelho Diamantino*, de 1827.

“Moda e literatura eram, por tanto, as duas impulsionadoras dessa imprensa que começava a se consolidar” (BUITONI, 1990, p. 37). Buitoni (2009) divide essa imprensa em tradicional, a qual exaltava as virtudes domésticas restringindo suas ações fora do lar, enfocando os “deveres” femininos; e a progressista defendendo o direito das mulheres, sua liberdade.

A primeira revista feminina brasileira nasce em 1914, como o nome de *Revista Feminina*, tendo suas publicações mantidas até 1936. Criada por Virgílica de Souza Salles, que

² Clarice Lispector, “Observações sobre o direito de punir”, *A Época*, ago. 1941, p. 34-36. In: Clarice uma vida que se conta. São Paulo: Edusp 2011. p. 166

morreu quatro anos após a data de lançamento da revista, que passou a ser dirigida por seu marido João Salles. A mesma contava com grandes colaboradores como Olavo Bilac e Couto de Magalhães, e era escrita por Francisca Júlia da Silva, Presciliana Duarte e Júlia Lopes de Almeida, registra Buitoni (1990). A revista reunia literatura, moda e beleza, utilizando-se fortemente da publicidade, que foi um dos principais aliados em seu crescimento.

As colunas femininas desse período deixavam nítidas as diferenças entre os gêneros, elas instruíam as mulheres ditando a forma correta de ser e agir de acordo com a classe social de sua época. A mulher ideal era a que iria se casar, ser mãe e cuidar da ordem do lar, essas eram as prioridades da mulher perfeita e feminina, as que tinham ideais diferentes, que buscavam o mercado e estudos, eram vistas como masculinizadas.

Anos Dourados

Um novo período nasce após o término da Segunda Guerra Mundial, na década de 50, o Brasil passa pelo seu processo de desenvolvimento em que a classe média entra em ascensão. Os investimentos no progresso fizeram com que a industrialização e o crescimento urbano possibilitassem o acesso à educação e ao trabalho tanto a homens quanto a mulheres, mas ainda em menor proporção pois ainda existia o pensamento de que mulheres deveriam ficar no lar. A sociedade se transformava completamente.

As relações culturais também passaram por reestruturação, na qual a distinção entre os papéis dos homens e das mulheres, como no trabalho e estudos diminuía lentamente, porém estes ainda se mantinham fortes e com preconceitos.

Na família, os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. A mulher ideal era definida a partir dos modelos femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias da “feminilidade”, como instinto materno, pureza, resignação e doçura.” (DEL PRIORE –2005 p.608-9)

Bassanezi (2005) coloca que as revistas femininas vinham para reafirmar essa diferença entre os sexos, modelo ideal de família e impunha regras de bons modos, comportamento, estereótipos e valores, sendo esses veículos influenciadores de toda uma classe feminina, “Assim, desde criança, a menina deveria ser educada para ser boa mãe e dona de casa exemplar”.

Clarice no Correio da Manhã

A primeira página destinada a mulheres foi em 1901, trazia apenas uma propaganda, que a cada publicação foi aumentando de quantidade. Somente em 1925 criou-se a seção Coisas Femininas, que era totalmente dedicada a mulheres, sempre com textos sobre moda, cozinha e propagandas. Nesse cenário, Clarice Lispector inicia seus trabalhos nas colunas femininas no jornal *Comício*, usando o pseudônimo de Tereza Quadros tendo uma coluna toda a sua disposição para escrever suas narrativas. Após o declínio do *Comício*, surgiu a proposta de escrever para o *Correio da Manhã*.

De acordo com a Biblioteca Nacional Digital o *Correio da Manhã* foi um dos mais respeitáveis jornais diários do país, foi fundado por um jovem advogado chamado Edmundo Bittencourt, e se tornou um periódico que foi destaque por possuir uma ética própria textos mais elaborados, valorizando a estética e o uso de imagens.

Seu caráter era independente e legalista, liberal e doutrinário, dentro de uma linha editorial combativa à situação, no caso, inicialmente, a República Velha oligárquica – no entanto, sempre se destacou como “jornal de opinião”. Identificava-se, num primeiro momento, com as classes populares, mas com o passar do tempo atraiu a atenção da classe média do Rio de Janeiro; muitas vezes apresentava aos leitores textos de forte carga emocional.
(BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL, 2014)

Gotlib (2011) nos apresenta algumas características sobre a coluna de Clarice Lispector no *Correio da Manhã* que contribuíram para essa análise. O jornal trazia uma coluna intitulada “Correio Feminino – Feira de Utilidades” que era publicada de maneira regular “às quartas e sextas feiras no segundo caderno do jornal” (GOTLIB 2011, p.411-412). Os assuntos tratados na coluna seriam “beleza, moda, problemas de mãe e dona de casa (...)”, e escritos no seguinte tom “íntimo, bem-humorado e experiente.” (GOTLIB 2011, p.412). A linguagem utilizada pela escritora na coluna era simples, de fácil acesso, demonstrando que se destinava à mulher do lar, que tinha preocupações com os assuntos da casa e da educação dos filhos, mas que também procurava estar atenta ao que as tendências de beleza e moda estabeleciam.

Clarice Lispector ao assinar sua coluna com o nome Helen Palmer não o faz de maneira despretensiosa. Helen Palmer pode sim ser considerada um pseudônimo utilizado pela escritora no *Correio da Manhã*, pois segundo nos cita Gotlib (2011, p.412), há uma especialista na produção jornalística de Clarice, Aparecida Maria Nunes, e está “menciona alguns documentos que considera importantes para comprovar o fato.” Esse documento citado seria o que ela chama de uma “Proposta de Trabalho” que Clarice teve de assinar concordando com algumas cláusulas em relação ao seu trabalho nesse jornal, dentre elas está o que Gotlib (2011, p.412) coloca como uma “estratégia de ação jornalística, exposta em

cinco itens. ” Entre esses itens apresentados está aquele que nos remete ao motivo de se criar um pseudônimo para sua coluna feminina:

A seção poderia criar um personagem feminino permanente que falaria na primeira pessoa, contaria seus problemas de mulher e como os resolvera, falaria dos problemas de suas amigas, etc. O tom: o de uma pessoa razoavelmente inteligente, informada sem ser uma sábia, e inclusive às vezes indecisas como se contasse com a opinião da leitora (Ou outro tom, a combinar). (NUNES 2006 *apud* GOTLIB 2011, p. 412)

Essa proposta de trabalho segundo o que nos informa Gotlib (2011, p.412) pode ter sido colocada em prática, como não, isso nos gera incerteza, porém o item sobre a criação de um personagem pode nos dar algumas indicações de que Clarice tenha seguido essa orientação para criar a Helen Palmer.

Em sua coluna aconselhava suas leitoras sobre os assuntos considerados para mulheres como moda, comportamento e beleza. “A colunista condenava a cópia de aparência ou comportamento de atrizes famosas do cinema, difundidas como divas pelos meios de comunicação de massa. Era precisa, insistia, descobrir o próprio rosto”, coloca Nunes (2012, p.79) e também afirma que:

Por aqueles tempos, influenciada pelo glamour e pelo fascínio das grandes divas do cinema, a mulher era instigada a se espelhar em algumas delas – Brigitte Bardot, Debra Paget, Marisa Alfasio, Sofia Loren, Marilyn Monroe –, para compor o que Clarice Lispector, como Helen Palmer, considerou ser “beleza de catálogo”. Imagens de mulheres bonitas, capazes de atrair olhares masculinos e femininos, vendendo sex-appeal e despertando desejos, prazeres, erotismo. (NUNES, 2012, p.284)

Assim como no início das colunas femininas do *Correio da Manhã*, coube a Clarice incentivar o consumo, dessa vez dos produtos da Pond’s, pois a mulher dessa década estava mais presente no mercado de trabalho e isso permitia buscar o cuidado com sua beleza. Porém sempre valorizando a mulher do lar, que cuidava de seus filhos e marido, também conhecida como Amélia, assim como cita Conde (2009).

Nesse espaço Clarice estabelece um diálogo direto com sua leitora, aconselhando-as sobre o que é ser mulher. Em um de seus textos, chamado “Uma mulher esclarecida”, a autora tenta transmitir a ideia sobre uma mulher instruída, que é a companheira de seu marido e educadora, deixando claro que esses são os valores básicos de uma mulher.

Digo-lhes que 'esclarecida' é a mulher que instrui, que procura acompanhar o ritmo da vida atual, sendo útil dentro do seu campo de ação, fazendo-se respeitar pelo próprio valor que é companheira do homem e não sua escrava, que é de mãe educadora e não boneca mimada a criar outros bonequinhos mimados.³

Ao longo de todo o texto, Clarice reforça sobre ser mulher, sempre pontuando a esposa e mãe, características principais para Helen Palmer, de uma mulher tida como esclarecida, mantendo um diálogo intimista com sua leitora. Essa mulher não depende da beleza para atrair os olhares dos homens, colocando isso como futilidade.

“Você minha leitora, não limite o seu interesse apenas à arte de embelezarse, de ser elegante, de atrair os olhares masculinos. A futilidade é fraqueza superada pela mulher esclarecida. E você é uma ‘mulher esclarecida’, não é mesmo?”⁴

Outro texto muito interessante é o “Manias que enfeiam”, Helen mantém o tom íntimo como em todos os seus textos. Neste, Clarice pontua atitudes que as mulheres não devem cultivar, como por exemplo comer em excesso ou a todo momento, impondo um padrão de beleza no final do tópico. No texto citado anteriormente o qual Clarice se põe contra as futilidades de beleza física, diferente do que reforça no “Manias que enfeiam”, que são cuidados que as mulheres devem tomar em suas atitudes.

Por exemplo, a mania de estar sempre comendo alguma coisa, como chocolate, um caramelo, um sorvete, como se estivesse eternamente com fome. Além de extremamente deselegante, dá a impressão de que não come o bastante em casa. Os homens detestam isso. Sem falar nas gordurinhas supérfluas que essa gulodice faz aparecer. (LISPECTOR, 1960. apud NUNES 2012. p. 94)

Clarice continua o texto pontuando o quão feio é falar e rir alto, o defeito de se queixar, colocando essa como o de todos os defeitos, pois rouba a beleza, e isso não é algo que uma mulher inteligente faz. Ao pontuar os defeitos, Clarice reforça a cada um o fato dos homens não gostarem: “Os homens detestam isso”, “Os homens costumam fugir apavorados desse tipo de mulher.”. E termina aconselhando:

Por favor, minhas amigas, se uma de vocês tem qualquer dessas manias, outras que não citei, livre-se delas, o mais breve possível! Controle o vício das guloseimas, a vaidade de chamar a atenção e o desejo de atrair a piedade alheia. Afinal, piedade é sentimento que humilha aquela a quem é dirigida. (LISPECTOR, 1960. apud NUNES 2012. p. 94)

³ LISPECTOR, Clarice. Uma mulher esclarecida. In: Clarice na cabeceira. Rio de Janeiro: Rocco 2012. p. 91

⁴ LISPECTOR, Clarice. Uma mulher esclarecida. In: Clarice na cabeceira. Rio de Janeiro: Rocco 2012. p. 91

Em outro texto seu intitulado “Beleza em série”, Clarice tece uma crítica a estereótipos que surgem com o cinema, “a mocinha escolhe uma artista de bastante renome e passa a ser o seu carbono”. Ela coloca como um processo de despersonalização, pois quem as copia nunca alcançarão sucesso, pois o sucesso vem da sua própria personalidade, não de maquiagens, cabelos e trejeitos.

Sejam vocês mesmas! Estudem cuidadosamente o que há de positivo ou negativo em sua pessoa e tirem partido disso. A mulher inteligente tira partido até dos pontos negativos. Uma boca demasiadamente rasgada, uns olhos pequenos, um nariz não muito correto podem servir para marcar o seu tipo e torna-lo mais atraente. Desde que seja seu mesmo. (LISPECTOR, 1960. apud NUNES 2012. p. 95)

Assim como em todos os outros textos citados, Clarice dá dicas a suas leitoras sobre ser mulher, uma mulher com virtudes, personalidade, porém mais recatada, sempre voltando ao olhar dos homens, uma mulher que serve para ser esposa e mãe, mas as vezes o tom é mudado como é caso dos “homens detestam isso”.

Clarice no Diário da Noite

Enquanto ainda escreve como Helen Palmer em 1960, Clarice é convidada para escrever em uma coluna feminina intitulada “Só para mulheres”, no *Diário da Noite*. De acordo com a Biblioteca Nacional Digital, este foi um jornal carioca, sob a direção de Assis Chateaubriand, ligado a Aliança Liberal, que fazia oposição ao atual governo da República Velha, dando apoio a Getúlio Vargas.

Fundado no Rio de Janeiro (RJ) em 5 de outubro de 1929, dirigido por Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello (seu dono formal), Cumplido de Sant’Anna e Frederico Barata, o Diário da Noite foi um vespertino em complemento ao matutino O Jornal, também de “Chatô”. Apresentava-se como membro da “vanguarda do movimento liberal”, ou seja, era explicitamente articulado com a Aliança Liberal, em oposição ao regime oligárquico da República Velha. (BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL, 2015)

A postura é apresentada por Clarice Lispector é completamente diferente do primeiro, deixaria de ser uma construção de estereótipo de uma mulher ideal, para um universo de beleza, moda e técnicas de *sex-appeal*, assinando como a atriz Ilka Soares, como coloca Nunes (2012). Esta coluna apresentava um estilo bem diferente da que Clarice escrevia no

Correio da Manhã. Segundo Gotlib (2011, p. 417) ela era “mais rica do ponto de vista gráfico, já que abrigava fotos e desenhos, (...) inclusive uma foto pequena de Ilka Soares a direita do título da coluna.” Isso demonstrava que além do *layout* mais elaborado, os textos, também, seguiam esse padrão, logo, “eram maiores”, além disso as colunas apresentavam seções com matérias de assuntos diversos. (GOTLIB 2011, p.417)

Com relação ao pseudônimo, Ilka Soares, temos um contexto diferente do que observamos em Helen Palmer. No *Diário da Noite*, de acordo com Gotlib (2011, p.416), Clarice “escreve, mas se esconde, como um fantasma ou *ghost writer*, por detrás daquele cujo nome aparece, a artista de cinema e manequim Ilka Soares, cuja fama deveria contribuir para uma venda maior do jornal. ” Isso nos mostra que um dos motivos para escrever se utilizando dessa personagem seria o aumento na venda do jornal. Em contraste a fictícia Helen Palmer, Ilka Soares era uma celebridade da época que realmente existiu. Foi considerada uma das mais bonitas atrizes do cinema no Brasil, e nessa época se encontrava com Clarice para conversar sobre diversos assuntos como: fotografia, receitas e moda. (GOTLIB 2011, p.416). Podemos então dizer que Clarice se vestiu da identidade de Ilka Soares para escrever sua coluna no *Diário da Noite*.

Nunes destaca uma das publicações de Clarice, chamada “Aulinhas de sedução”, uma pequena série de seis partes que continham conselhos para mulheres modernas. Clarice reforça a necessidade da mulher em praticar as dicas para ir aperfeiçoando-as. As aulas vinham com uma indicação de recorte para que a leitora pudesse recortar e guardar as lições.

A colunista, então, ensina sua aluna aplicada a distinguir beleza de sedução. Reforça que, para ser amada, a mulher não precisa ser bela. Assim, em tom protetor, consola aquela leitora que se sente rejeitada pela vida por não possuir dotes de beleza. Haverá um caminho: o da sedução. Mas o que é seduzir? Um processo de difícil entendimento. É algo mágico, frisa a colunista, que não se conhece muito bem, mas que tem lá seus efeitos. (NUNES, 2012. p.287)

Em seus textos para o *Diário da Noite* a linguagem adotada por Clarice é mais ousada, tida um símbolo de beleza que passa dicas para suas leitoras. Seu objetivo principal é passar técnicas de sedução e incentivar a leitora a buscar sua forma de sedução, valorizando sua própria beleza. Essa é a temática principal da coluna de Ilka Soares, beleza e sedução.

Em seu texto “Aulinhas de sedução o que é ‘*sex-appeal*’? ”, Clarice aborda sobre atração, comparando com atrizes como Brigitte Bardot e Marilyn Monroe, conhecidas por serem símbolos de beleza, porém elas possuíam defeitos físicos em seus rostos e corpos.

É atração. Olhe bem para Brigitte Bardot, no cinema, nos retratos. Seu rosto, seu corpo, estão muito longe dos cânones de beleza. No entanto ela atrai extraordinariamente. E Marilyn Monroe? Se você examina bem, vê seus defeitos físicos. Mas tudo o que ela faz, subjuga, fascina. (LISPECTOR, 1960. apud NUNES 2012. p. 98)

“Descobrir o próprio ‘*sex-appeal*’” é um incentivo a leitora a buscar sua própria sedução, por meio de um olhar para si mesmo e de cuidados externos, Clarice coloca que é necessário acentuar as qualidades pois elas são armas de sedução.

“Lembre-se: não é necessária uma transformação radical, pelo contrário. A modificação é quase invisível: trata-se as vezes do comprimento adequado da cabeleira, de uma nuca bem ‘acabada’, de um ‘maquillage’ mais sabido dos olhos, de um desenho mais generoso dos lábios – tudo depende da matéria-prima que é você mesma. (LISPECTOR, 1960. apud NUNES 2012. p. 99)

O foco de suas colunas se mantinham na sedução, a mulher buscar em si mesma aquilo que elas precisam para serem belas e sedutoras, retratando-nos uma Clarice que se importa com a beleza externa e principalmente com a personalidade.

Figura 1- Aulinhas de sedução



Fonte: <https://anpoll.emnuvens.com.br/revista/article/viewFile/64/58>

Figura 2



Fonte: <http://modasemcrise.com.br/do-indizivel-ao-trivial-clarice-lispector-escreve-sobre-moda-e-comportamento/>

Método

Este trabalho consiste em uma revisão de bibliografia sobre a produção jornalística de Clarice Lispector nos Jornais: *Correio da Manhã* e *Diário da Noite*, o contexto da época em que ela escrevia e breves considerações sobre a imprensa feminina. Segundo Severino (2007) a pesquisa bibliográfica se realiza:

a partir do registro disponível, decorrente das pesquisas anteriores, em documentos impressos como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (SEVERINO 2007, p.122)

Para realizar essa pesquisa foram escolhidos os jornais *Correio da Manhã* e *Diário da Noite*, em que Clarice Lispector escrevia suas colunas destinadas ao público feminino. Essa escolha se justifica pelo fato das colunas terem sido escritas no mesmo período, compreendido entre 1959 a 1961, por serem marcos da sua volta para o Brasil e também por apresentarem diferenças com relação às ideias que elas transmitiam, embora o público fosse feminino. Além disso, o trabalho está fundamentado no que as autoras Nunes (2012) e Gotlib (2011) pesquisaram sobre a produção jornalística de Clarice, sendo assim, nossa escolha e análise dos jornais derivaram das contribuições e publicações acadêmicas das pesquisadoras mencionadas. Com relação ao tópico imprensa feminina nos remetemos aos estudos de

Buitoni (1990) e para contextualizar o período em que Clarice Lispector escreveu -Anos Dourados- nesses periódicos foi fundamentado a partir da produção de Bassanezi (2007).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a revisão dos materiais bibliográficos da escritora Clarice Lispector, com enfoque em seus trabalhos nas colunas do Correio da Manhã e Diário da Noite, é notória a disparidade de pensamentos adotados por ela em seus escritos.

A princípio no Correio da manhã é possível observar que a autora mantém uma posição mais conservadora naquilo que escreve a suas leitoras, levada pelos assuntos que eram relevantes a coluna, como moda, bons costumes e modos. Uma Clarice que se posiciona ora como tutora de suas leitoras, ora como amiga.

É possível estabelecer uma relação entre a palavra Manhã no título do jornal, sendo este um período em que se está às claras, por isso a necessidade de passar uma boa impressão, muitas vezes impondo um padrão estético e comportamental a estas mulheres, para que sejam bem vistas e aceitas socialmente como mulheres preparadas para cuidar do lar, aquelas que os homens desejam ao seu lado.

Ao mesmo tempo em que impunha certos padrões de como se portar, Helen Palmer se colocava contrária a se utilizar de atrizes de cinema como referência e inspiração, era necessário que a partir do que Clarice colocava em suas colunas encontrar seu próprio jeito de ser, buscar sua beleza em sua personalidade, porém sempre focando na mulher do lar feita para casar.

No Diário da Noite observa-se uma Clarice mais ousada, sendo possível estabelecer relação com o título do veículo, a Noite, sendo, portanto, referência de algo mais misterioso. Dessa forma há uma Clarice que busca mostrar a suas leitoras a sedução, assumindo o papel de Ilka Soares, uma atriz.

Clarice se mantém no papel de tutora e amiga de suas leitoras, mas com um enfoque bem diferente, esta valoriza a mulher que se cuida e busca em si técnicas próprias de sedução. A mulher ideal, do lar e feita para casar não aparece como enfoque do que Clarice propõe a sua leitora.

Mais uma vez é possível ver uma Clarice que valoriza a busca da própria personalidade, tendo cada mulher sua técnica, e é necessário que esta busque em si o que lhe favorece na sedução. Clarice cita atrizes de cinema como exemplos, mas não acredita

que o caminho seja copiá-las, pois estas buscaram em si mesmas suas próprias qualidades e as aperfeiçoaram.

Clarice escreveu os dois veículos no mesmo ano, mas com enfoques diferentes, assumindo papéis femininos dispares. De uma mulher recatada, Clarice passou a ser uma mulher que busca a sedução e é ousada em seu modo de agir, duas formas completamente diferentes de ser mulher.

Em meio à pesquisa foi achado em um dos materiais um trecho de um momento importante da vida de Clarice, quando ela perde seu pai, um dos mais importantes amigos de sua vida:

“Perdeu, assim, o companheiro que lhe havia dado talvez a mais preciosa lição: de como era importante ser ‘pessoa’... e que lhe valeu a reflexão sobre a necessidade de, na vida, encontrar-se na máscara que se monta e que, a certa altura, desaparece, deixando o ser em terrível estado de liberdade diante da autenticidade ou identidade desde ser não ser.” (Gotlib 2011, p.167) sem aspas

É nítido que essa fora a lição que Clarice levou em toda sua vida, seja pessoal ou profissional. A autora se aproveitava da liberdade para ser quem ela queria a qualquer momento, vestindose de diversas máscaras que a vida proporcionou a ela.

Clarice usava o pseudônimo de Helen Palmer no Correio da Manhã para difundir suas ideias de mulher do lar, que se apresenta mais conservadora e se porta de maneira educada e é admirada por seus modos pela sociedade. No entanto, se permitiu a liberdade de buscar dentro de si uma figura feminina sedutora que cuida do seu exterior enquanto vestida de Ilka Soares.

Contudo, não é possível saber o que se passava dentro de Clarice nesses momentos, se ela realmente era aquilo que estava escrevendo, pois em toda sua vida Clarice se mostrou multifacetada.

Em sua entrevista com Rubem Braga para a revista “Fatos e Fotos”, Clarice coloca a seguinte frase: “Mas há mil ‘rubens’ dentro de Rubem Braga, é claro, assim como há mil ‘clarices’ em mim.”. A própria autora confirma essa diversidade de personalidades existentes em si.

Clarice deixou de ser apenas uma simples jornalista que escrevia apenas fatos, para se utilizar de diversas opiniões e pensamentos, demonstrando grande diversidade de posicionamentos em suas colunas, sendo evidente quando comparamos seus textos no Correio da Manhã e no Diário da Noite, principalmente pelo pouco tempo de diferença entre eles.

A autenticidade era um tópico muito enaltecido pela autora, já que em seus textos Clarice procurava incentivar seu público alvo a se tornarem mulheres de personalidade, que não se contentavam em serem simplesmente cópias de atrizes.

Apesar de apresentar enfoques diferentes nos dois jornais, ou seja, visões distintas do que é ser mulher, podemos encontrar pontos de semelhança em ambos, pois Clarice reforça em suas colunas a necessidade da mulher se conhecer e valorizar.

4. REFERÊNCIAS

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2007.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. Correio da manhã. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/correio-da-manha/>> Acesso em: 29 jul 2017

_____. Diário da noite. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/diario-da-noite-um-vespertino-que-sera-sempre-o-arautodas-aspiracoes-cariocas-rio-de-janeiro-1929/>> Acesso em: 29 jul 2017

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Imprensa feminina**. Editora Ática, 1986.

GOTLIB, Nádía Battella. **Clarice: uma vida que se conta**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

NUNES, Maria Aparecida (org). **Clarice na cabeceira: jornalismo**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2012.

Contatos: le.olisantos@gmail.com e mirtes@mackenzie.br